

A palavra. A tinta e o papel. A leitura.

Mariane de Souza ¹

Resumo: O intuito deste ensaio é observar, articulando o texto de Menotti “Obras à mostra: articulações do trabalho de arte pelo desenho de exposição” (2011), como a produção de um artista é desenhada no espaço através da curadoria e, para isso, a exposição “André Neves: Em Caminhos” do ilustrador-escritor André Neves, exibida no SESC de Ribeirão Preto (SP), foi escolhida. Aqui, descrevo o encontro entre as ideias, as imagens e as palavras; descrevo as instalações que ocupam os espaços e também conto com a colaboração de alguns arte educadores para fazer algumas considerações a respeito da mediação.

Palavras-chave: 1. Mediação 2. Exposição 3. André Neves 4. SESC 5. Arte educação



¹ Mestranda do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Este texto foi produzido para a disciplina de arte educação “Curadoria Educativa: Elementos para uma Prática Crítico-Reflexiva da Arte-Educação em Instituições Museológicas e Espaços Culturais” (ECA/USP)

Como nasce um livro?

O Caminho

Sesc Ribeirão Preto, SP. Tirando de Letra. André Neves.

O momento em que a tinta encontra a folha em branco, que a ideia toma forma, que as letras se juntam formando palavras: o processo criativo. As folhas brancas que encontramos suspensas no ar e os papéis amassados, que parecem ser rascunhos descartados, no início da exposição, nos dão a sensação de que algo será iniciado e produzido, é ali que as histórias são contadas, que a imaginação ganha forma e se materializa e que os personagens de um livro nascem para o mundo.



Figura 1: Folha de Papel. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em: 22 jun de 2015.

Enquanto um livro não nasce, as ideias, as inspirações, as referências, etc. ficam alí, chocando na cabeça do autor. O próximo espaço, portanto, é dedicado ao “entre-lugar” do papel em branco, o nada, e do local onde surgem e ficam as ideias até que sejam exteriorizadas de alguma maneira.



Figura 2: Nascidouro de ideias Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em: 22 jun de 2015.

O espaço é repleto de obras e materiais simbólicos (Figura 3) que, ao final da exposição, é possível relacioná-los com os livros de André Neves.



Figura 3: Nascidouro de ideias 2. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em 26 jun de 2015.

Por canos (Figura 4) que ligam uma instalação a outra há sons de que algo está passando por eles, são as ideias que no final dos canos, encontram as palavras. As televisões interativas desta terceira instalação, fazem acrósticos com as palavras de alguns livros, transformando-as em frases.



Figura 4: Canos. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em: 26 jun de 2015

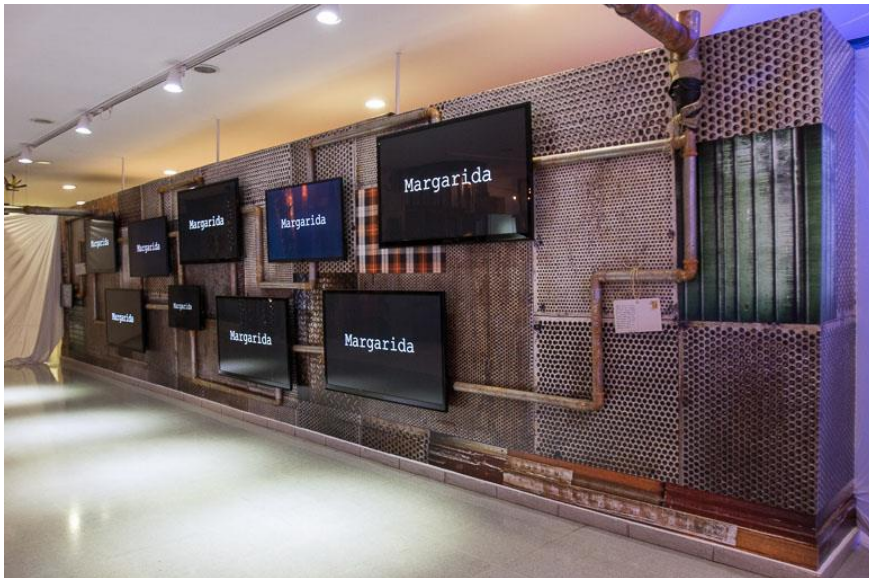


Figura 5: Televisões. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em: 26 jun de 2015

O próximo espaço é o da Geringonça, instalação inspirada no livro “Malvina”, de André Neves, é uma grande engenhoca de produzir livros: as ideias, os sons, as imagens, a tinta e o papel e as palavras. A instalação é totalmente interativa, com mecanismos que funcionam sozinhos e outros que necessitam da curiosidade e da intervenção do público.

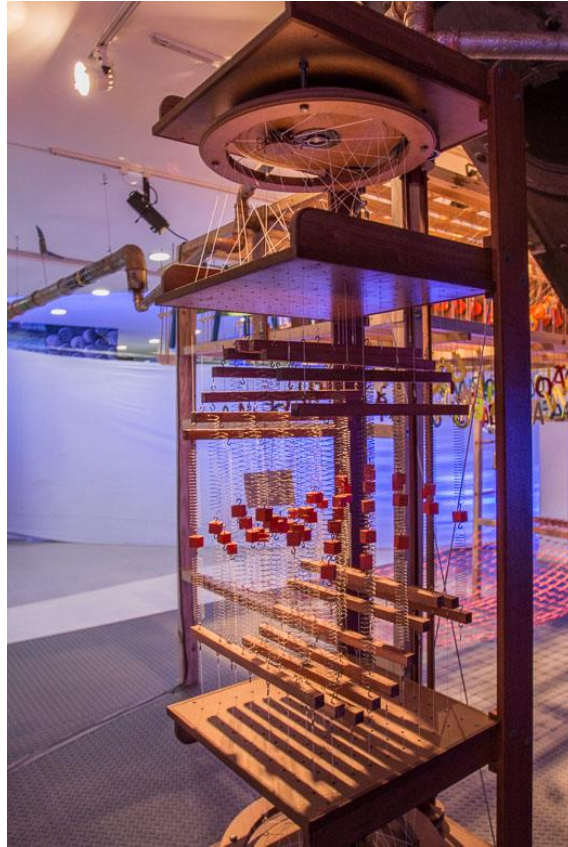


Figura 6: Geringonça. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso 26 jun de 2015



Figura 7: Geringonça 2. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso 26 jun de 2015

O espaço ao lado, é o das canecas: o público é convidado a pescar uma caneca sendo que dentro de cada uma há um tema que se relaciona aos livros de André Neves para o visitante desenhar e pendurar em uma das árvores feitas de régua de madeira.



Figura 8: Pesca-Canecas. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso 26 jun de 2015

Por fim, no último espaço da exposição, o público pode conhecer e ler os livros de André Neves, fazendo as relações com tudo que foi visto:



Figura 9: Espaço leitura. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso 26 jun de 2015



Figura 10: Espaço 2 leitura. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em 26 jun de 2015.

Na exposição, também há um espaço dedicado somente ao autor, seus objetos pessoais, a história de sua trajetória, suas inspirações para as artes visuais, para as ilustrações e para as narrativas dos seus livros.

Da Curadoria

Pelo sexto ano consecutivo, o Sesc em Ribeirão Preto realiza o projeto Tirando de Letra. Este projeto, que se volta para a literatura, pretende estimular a leitura através da associação da experiência e do contato com a arte, em outras palavras: através dos livros e da criação literária de um autor, artistas e profissionais que trabalham com instalações, homenageiam o escritor (sua vida, suas criações, seus livros, sua história) transformando a obra literária em arte, em uma exposição. A exposição de 2015 homenageia o escritor André Neves que também é ilustrador, ator e artista plástico e que também contribuiu e colaborou em todo o processo de elaboração e instalação da exposição.

Idealizado pelo SESC SP, a exposição é um grande complexo de peças, instalações, pequenos detalhes, cores, materiais de diferentes tipos, efeitos de luz... E para que tudo isso fosse realizado, muitos artistas colaboraram: os adereços, jardineiras, pescaria, casa-livros, pássaros e o barco-carroça foram feitos por Elaine Rosa, Juliano Silva e Rafael Modesto; caixas chocadeiras, objetos e autômatos flutuantes, textos manuscritos em formato de cartão postal, balões e as texturas da casa dos passarinhos,

foram realizados pelo coletivo Unsquepensa; o nascedouro de ideias, caixas chocadeiras e o livro em branco por Horácio de La Rosa e Zé Gambelli; multiprojeções pela Uau mídia; as traquitanas para ilustrações, barcos, as texturas pelo circuito de canos por Peterson de Oliveira; as instalações sonoras e o painel de palavras por Caio Fazolin; a montagem das instalações foram feitas pela Axis Creative; o painel TOM, as cortinas, os balões por Luciano Pacchioni e Marcela Barbosa; as almofadas em formato de nuvens, puff boias, puff circulares, o sofá minhoca, as cortinas de tranças, colchonetes, aventais por Carol Cheburini, Gabriela Cheburini, Rubia Campos e Zezé Cheburini; e por fim, a geringonça (uma estrutura cinética) por Fabiana Faiallo, Fabricio Masutti e Leonardo Gallep.

Visto este grande time de artistas e colaboradores, é possível perceber a complexidade da exposição. A instalação ocupa todo o espaço do Sesc e em todas as áreas, pelo menos algum detalhe, se faz presente indicando que foi priorizado alcançar um contato fluente com a arte e a literatura. Neste contexto, Menotti (2011) afirma que inicialmente, a intervenção curatorial parecia promover, meramente, um contexto que era específico para o encontro com a obra e este, oscilava entre a **interpretação** e a **experiência**.

Com base em Serota (2000) o autor explica que a **interpretação** guiaria a exposição por um viés histórico, técnico, sociopolítico e que promovesse “uma leitura que explicitaria relações formais e temáticas que por vezes escapam aos próprios criadores” (p. 54) desta forma, a instituição seria um local de referência, seria enciclopédico, repleto de notas, etiquetas e verbetes. A **experiência**, por outro lado, exibiria as obras de maneira mais desimpedida, de uma forma que nada pudesse intervir entre a percepção do público e a essência da obra, desta forma, a curadoria estabeleceria um ambiente neutro e livre de distrações.

Porém, por conta das recentes mudanças na natureza da produção artística, surgiu a necessidade da criação de mais um conceito denominado por Serota **contaminação**, que, nas palavras de Menotti (2011) “a exposição estaria voltada a ‘promover diferentes modos e níveis de ‘interpretação’ por meio da sutil justaposição de ‘experiência’” (p.55), portanto, trata-se de uma curadoria na qual não há caminhos, o caminho é elaborado e redesenhado por cada indivíduo, de acordo com seus interesses e sensibilidades particulares.

No entanto, a prática curatorial e o fazer artístico, foram se borrando com o tempo e, desta forma, com base nas ideias de Bruno Latour, Menotti propõem um quarto tipo de curadoria, uma nova forma de entender o arranjo expositivo. Esta proposta é sugerida a partir da observação de algumas experiências artísticas que tinham a intenção de criar um ambiente no qual o público se tornaria ativo no processo de apreciação da exposição, como foi o caso do trabalho mais conhecido de El Lissitzky: o Gabinete Abstrato.

Neste contexto de haver a interação do público, Menotti explica que “as práticas curatoriais chegam a intervir materialmente na apresentação da obra de arte, sendo, portanto, capazes de ressaltar diferentes elementos de uma **rede de criação** que não o próprio artefato que dela (assumidamente) resulta” (p.65). Neste sentido, o autor questiona: o desenho da instalação é capaz de suprir as próprias obras?

A resposta para essa pergunta é guiada a partir da produção do desenho de instalações de Marcel Duchamp na *Exposição Surrealista Internacional* de 1937, em Paris e no *Primeiros Papéis do Surrealismo* de 1942 (Nova York), em ambos os trabalhos Duchamp propôs formas de ocupação dos espaços que rivalizavam com o acesso às obras. Menotti (2011) explica que os projetos de instalação dessas exposições subverteram a Gestalt convencional, se impondo às obras transformando-as em aspectos secundários da exposição.

Desta forma, Menotti chega à seguinte conclusão:

Ainda falta um vocabulário que torne evidente que os supostos resultados do fazer artístico e das práticas curatoriais – respectivamente a “obra” e a “exposição” – sempre se encontram inseridos na rede de criação um do outro de maneira fundamental. Em outras palavras, precisamos de uma abordagem mais minuciosa não para explicar o trabalho do curador, mas sim para entender a obra em exposição. (p. 72, 2011)

Menotti propõem, portanto, uma perspectiva que possa se estruturar na ideia de arranjo expositivo:

Podemos pensar a obra à mostra como uma forma na qual uma **rede de criação** está arranjada para se apresentar ao público. Doravante, a exposição não seria nem a causa final nem um recipiente passivo do fazer artístico, mas um de seus pontos de articulação, cuja principal particularidade estaria na franca abertura a outros atores – como a instituição hospedeira, a audiência e os demais trabalhos. (p. 72, 2011)

Desta forma, esta nova abordagem defende um deslocamento do nosso foco de atenção para o conjunto de criações que se arranjam de maneira articulada, capaz de inverter a compreensão habitual do fazer artístico. Nesta proposta, a situação de exposição se transforma no seu próprio parâmetro de análise.

Visto isso, podemos afirmar que a exposição “André Neves: Em caminhos”, embora tenha um percurso idealizado e que, se o público o segue, consegue decodificar melhor a exposição como um todo, se encaixa nesta nova abordagem curatorial, na qual a arte e a curadoria se unem de modo a trabalharem juntos construindo instalações através de uma rede de criação na qual curador e artistas se reúnem para elaborar e pensar as obras, a exposição e seu desenho expositivo.

Uma exposição dentro da exposição

Por que Tom não brinca? Por que Tom não diz o que sente? Onde Tom guarda todos os seus sonhos?

O livro escrito e ilustrado por André Neves (Tom) conta a história de um menino autista, que, por meio do canto dos pássaros alcança voo a liberdade. Na história, que é contada pelo irmão do personagem principal, o menino sempre está fechado no seu próprio mundo e isso intriga o narrador, até que um dia, Tom o chama para conhecer seus segredos e assim começam a se aproximar.

Em uma entrevista para o site de Porto Alegre ZH ²André Neves conta que, para ele, Tom apenas alcança a liberdade quando ele ultrapassou as barreiras das páginas e se transforma em uma exposição na qual textos, desenhos, esculturas e a palavra dialogam, tendo como o fio condutor, a figura dos pássaros. O livro foi publicado em 2012 pela editora Projeto, e ainda com base na entrevista, o artista explica que mesmo publicando o livro, ele se sentia limitado e então encontrou na exposição, nas esculturas e nos desenhos uma maneira mais expansiva de trabalhar.

A exposição “Tom, o imaginário da paleta à letra” teve várias exibições como em 2012 na sala O Arquipelago, no Centro Cultural Erico Verissimo, em Porto Alegre; em 2013 no Centro de Eventos da Universidade de Passo Fundo, integrando a programação

² Entrevista no site: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/08/inspirada-em-livro-exposicao-tom-espalha-clima-de-fantasia-pela-jornada-4251007.html>

da 15ª Jornada Nacional de Literatura; em Caxias 2013, na Galeria Gerd Bornheim. E, em 2015, é parte integrante da exposição “André Neves: em caminhos” no SESC Ribeirão Preto. Os trabalhos expostos são obras de André Neves e são como uma extensão do livro:



Figura 11: Ilustrações Tom. Foto: Mariane Souza 2015.



Figura 12: Tom. Fonte: <http://tg3.com.br/> acesso em 26 jun de 2015



Figura 13: Escultura Tom. Foto: Mariane Souza 2015



Figura 14: Tom Raio-x. Foto: Mariane Souza 2015

Da mediação

Estudada em diversas áreas do conhecimento e em cada uma delas adquirindo significados muito próximos, porém, contextualizados. Neste exercício trataremos a mediação sob o âmbito da arte-educação: boa parte dos estudos sobre mediação abordam a maneira como o processo, que aproxima manifestação artística e indivíduo, acontece, deve acontecer ou deveria acontecer no contexto da sala de aula. Neste exercício, não farei reflexões a respeito destas questões, no entanto, vale ressaltar que os problemas que se relacionam ao ensino da arte estão ligados a problemas mais profundos e gerais que envolvem a qualidade de ensino no país em um todo.

Uma outra vertente dos estudos de arte-educação sobre mediação se dedica à ação educativa no âmbito de museus, espaços culturais e exposições, observando de qual maneira as atividades, as abordagens, as narrativas e tantas outras aproximações, feitas por educadores e mediadores, proporcionam ao público o contato e a fruição com a arte e as suas manifestações. A ideia é de que o mediador consegue conduzir a observação do visitante dando a ele elementos para a compreensão da linguagem, entretanto, não há limites para a interpretação visto que cada indivíduo interpreta, à sua maneira, uma determinada obra. (OLIVEIRA, 2009)

Neste sentido, podemos levantar outros aspectos presentes em uma exposição além da mediação: o público e o tipo de participação. Pablo Helguera (2011) no texto *Educação para uma arte socialmente engajada*, sugere que a participação, por se tratar de um termo geral, pode perder seu significado atrelado à arte, segundo o autor:

Eu estou participando simplesmente por entrar em uma galeria com exposições? Ou apenas estou participando quando estiver envolvido ativamente na realização da obra? Se eu estiver no meio da criação de uma obra de arte, mas eu recuso me envolver, estou participando ou não? (...). Toda arte, de maneira indiscutível, é participativa, porque requer a presença de um espectador. O simples ato de estar lá em frente a uma obra de arte é uma forma de participação. (HELGUERA, 2011, p. 40)

Desta forma, o autor propõe quatro tipos de participação:

1. **Participação nominal.** O visitante ou observador contempla o trabalho de uma maneira reflexiva, que, embora em um distanciamento passivo, é uma forma de participação. O artista Antoni Muntadas postou este aviso em uma de suas exposições: “Atenção: percepção requer envolvimento”.

2. **Participação dirigida.** O visitante realiza uma tarefa simples para contribuir na criação do trabalho (por exemplo, *Árvore dos desejos* de Yoko Ono [1996], na qual os visitantes são encorajados a escrever seus desejos em um pedaço de papel e pendurá-lo na árvore).

3. **Participação criativa.** O visitante fornece conteúdo para um componente do trabalho em uma estrutura estabelecida pelo artista (por exemplo, o trabalho *The Muster* de Allison Smith [2005], no qual 50 voluntários, usando uniformes da Guerra Civil em uma encenação, declaram as causas pessoais pelas quais estavam lutando).

4. **Participação colaborativa.** O visitante divide a responsabilidade pelo desenvolvimento da estrutura e do conteúdo do trabalho em um diálogo direto e colaborativo com o artista (o projeto em andamento de Caroline Woolard, *“Our Goods”*, no qual os participantes oferecem mercadorias ou serviços, baseando-se no interesse e na necessidade, é um exemplo desse tipo de trabalho). (HELGUERA, 2011, p. 40)

Com base em minha experiência como público da exposição “André Neves: em caminhos”, acredito que existe, por parte do público, uma participação nominal (o visitante olha as obras e tenta entendê-las, decodificando mesmo que sem mediação de um educador) e há uma participação criativa (em alguns pontos da exposição, o visitante participa e interage com as instalações, faz desenhos, lê os livros, entre outras atividades).

Voltando para a mediação, para entender melhor como são as atividades na exposição, contatei duas mediadoras. Foi elaborado um questionário com cinco perguntas discursivas (os questionários e o modelo do termo de consentimento, estão anexados a este exercício) e enviado a cada uma delas pela Internet, combinei um horário para que elas assinassem um termo que me autorizou a utilizar as respostas aqui. Minha primeira preocupação foi entender de que maneira a instituição preparou os mediadores para receber o público.

Segundo elas, houve um auxílio institucional para que os mediadores soubessem de qual maneira construir uma narrativa e uma abordagem para que a exposição, de alguma forma, pudesse tocar o observador. Nas palavras delas:

Os mediadores participam de um período de treinamento de 5 dias antes do início da exposição. Durante esses 5 dias os mediadores entram em contato com as obras do autor e são feitos exercícios de mediação, como formas de contato com diferentes públicos e interpretação de narrativas infantis, além de um bate-papo com o próprio autor sobre a exposição e as obras mais emblemáticas da mesma. A empresa responsável pela elaboração da exposição também disponibilizou material para estudo com a ideiação dos espaços e as relações destes com as obras literárias. (Paloma Rodrigues)

Recebemos um material da produtora que monta a exposição com a explicação de cada objeto e também recebemos um treinamento de 3 (três) dias com uma contadora, uma mediadora e um professor de teatro. (Fernanda Dias)

Visto isso, podemos notar que, a formação destas mediadoras para esta exposição em especial, foi elaborada de uma maneira que podemos chamar de abrangente. O que quero dizer é que, a partir do momento em que a formação conta com exercícios de mediação (incluindo formas de contato com o público), formas de interpretar a narrativa infantil dos livros de André Neves, conversa com o próprio autor, estudos sobre cada ponto da exposição e treinamento com contadores de histórias e professores de teatro, foi dado a estas mediadoras pistas de como elaborar uma boa mediação, dando a entender que a apropriação destas pistas foram livres e que cada uma das mediadoras elaboraram suas próprias maneiras de mediação.

”André Neves: em caminhos” teve quatro meses de exposição e, nesse tempo, o espaço cultural, SESC RP, recebeu o público em geral e também as visitas de grupos escolares, que são agendadas inclusive nas férias. Neste contexto, perguntei a elas, de que maneira é feita a mediação e se esta é a mesma para o público em geral e para as escolas. Obtive as seguintes respostas:

Os diferentes espaços da exposição se relacionam e fazem parte de um fio narrativo que diz respeito ao processo de criação das histórias do autor e ilustrador André Neves. A mediação da exposição em si para ser completa, portanto, precisa seguir seu caminho idealizado. Quanto a abordagem, ela é adaptada aos diferentes públicos: visitas escolares são feitas em grupos (15 a 35 alunos) e seguem o ideal narrativo da exposição, dialogando principalmente com o aspecto lúdico da mesma, além de serem feitas as atividades; com grupos de alunos mais velhos (ensino médio) e adultos, o foco narrativo ganha também aspectos mais técnicos e questionamentos pertinentes são levantados (como, por exemplo, o discussões sobre o autismo tratado no livro “Tom”); na mediação para o público em geral, dificilmente há o interesse em seguir o percurso da exposição toda, então a fala é voltada para explicar, rapidamente, o ideal da exposição como um todo e um pouco sobre o espaço específico em que a pessoa se encontra. (Paloma Rodrigues)

Para o público escolar a abordagem é feita de uma forma mais abrangente. Já para o público espontâneo podemos abordar a exposição de uma maneira mais detalhista por ser um público menor. (Fernanda Dias)

Podemos notar que as opiniões, das mediadoras, sobre público escolar e público são díspares: enquanto uma afirma que enquanto o público escolar é possível conduzi-lo

pelo fio narrativo que segue a exposição especificamente por um caminho, o público geral não segue o percurso planejado pela curadoria; desta forma podemos entender que talvez, o público geral tenha perda em relação ao sentido da exposição como um todo. Já a outra mediadora, acredita que para o público escolar a mediação é feita de uma forma mais abrangente, talvez por causa do tempo que a mediação deve ser realizada (1h30) e que, para o público geral a mediação pode ser mais detalhista e até mesmo mais intimista por conta do número de pessoas com as quais se fala ao mesmo tempo.

Sobre as atividades realizadas, elas responderam:

Durante a visita monitorada para escolas (que tem duração de 1h30min) há a contação de histórias de uma obra do André Neves, feita por um ator contratado pelo SESC. Durante o percurso atividades como a leitura dos livros, leitura e interpretação de imagens, desenho/escrita e interpretação de texto são desenvolvidas em grupo e individualmente. (Paloma Rodrigues)

Durante a exposição desenvolvemos atividades que possam envolver os alunos/público espontâneo como pescaria (a pesca de canecas com palavras ou frase que estão nos livros do André Neves), desenho (que pode ser posto em exposição), leitura dos livros e o entretenimento durante a visita com pequenas explicações sobre os livros. (Fernanda Dias)

O projeto Tirando de Letra incentiva a leitura, perguntei a elas se esse objetivo era alcançado e se outros sentidos também eram incentivados, como por exemplo, a apreciação artística, a leitura e decodificação de imagens, o fazer artístico e entre outras atividades, obtendo as seguintes respostas:

Assim como qualquer outro tipo de incentivo, este deve ser alimentado por outras fontes além das atividades desenvolvidas durante a exposição. Escolas com histórico de atividades de incentivo a leitura apresentam uma maior interação com as atividades propostas durante a visita monitorada.

No espaço da sala de exposições, por exemplo, cuja temática é o livro “Tom”, são projetadas diferentes ilustrações relacionadas a obra-tema do espaço e proposta a interpretação das mesmas. Na atividade de desenhar, o público é desafiado a ilustrar frases abstratas retiradas dos livros, como forma de estímulo a imaginação e interpretação textual. (Paloma Rodrigues)

Presenciamos muitas escolas que já trabalharam os livros em sala de aula e o interesse do aluno é evidente quando, no passeio, passamos na Área da leitura ou na sala de exposição (onde está o livro Tom).

Percebemos também que o público espontâneo e que frequentemente está no Sesc cria uma curiosidade com as obras. No geral, creio que o projeto alcança seu objetivo muito bem. A exposição é muito visual e, com certeza, aguça o imaginativo e claro, a leitura de imagens. Em todos os espaços presentes a leitura de imagens é essência para que possamos passar para próxima sala e claro, compreensão dos alunos/público espontâneo. (Fernanda Dias)

Podemos afirmar que, a exposição André Neves: em caminhos, “desengaveta” alguns conhecimentos. Em outras palavras, encontramos na exposição uma união entre incentivo à leitura, ensino de leitura textual, um aguçamento à leitura de imagens e alguns fazeres artístico como a elaboração de desenhos a partir de uma frase abstrata. Assim como todo incentivo, como essas atividades presentes na exposição, é necessário que se tenha mais fontes, mais acesso e contato com diferentes exposições, visto isso, o caso da exposição do SESC deve funcionar como algo a mais, um adicional no ensino da arte, em especial às escolas que visitam a exposição, para que elas (exposições) complementem o ensino da arte em sala de aula.

Referências Bibliográficas

HELGUERA, P. Educação para uma arte socialmente engajada. In: Helguera, P; Hoff, M. Org.(s). **Pedagogia no campo expandido**. São paulo, 2011.

MENOTTI, Gabriel. **Obras à mostra: articulações do trabalho de arte pelo desenho de exposição**. ARS, São Paulo, n.22, p.53-73, 2011.

OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. **Instituições e públicos culturais: um estudo sobre mediação a partir do caso SESC- São Paulo**. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em sociologia do departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Sociologia. 239f. 2009.

Referência Imagética (Capa)

Neves, A. **Tom**. Porto Alegre, Editora Projeto, 2012.